


A QUEM
INTERESSAR
POSSA

BEBÉTI do AMARAL GURGEL



editora brasiliense

I.

Introitus: Ab Initio

Eu vou me matar. Estou deixando esta carta de despedida a quem interessar possa. Vesti calcinhas brancas para dar um ar mais colegial. Virginia Woolf não tinha computador. Escrevo, talvez como ela, à mão, embora tenha um computador. Não gosto de usar essa machina sapiens. Tenho esse terrível complexo de Virginia Woolf. Uma "inveja-Virginia-Woolf". Queria ter sido uma pessoa como ela. Queria ter escrito os livros dela.

Minha companheira e melhor amiga se chamava Betti Inês. Nos conhecemos frequentando a mesma lavanderia. A mes-

ma. A mesma. Betti Inês era uma mulher suja e acho que ainda é. Não gostava de usar calcinhas brancas. Lavávamos a roupa branca em casa e a colorida na lavanderia. Tínhamos muito em comum além de lençóis ingênuos sem estórias. Gostávamos de ver o complô das roupas enfumaçadas dentro da máquina de lavar. No começo nossos encontros eram muito curtos. Tudo muito rápido e importante. Cada minuto era extremamente importante, tão importante como cada minuto agora.

Tenho uma caixa de chocolates na minha frente. Está cheia, tem doze bombons. Quando os bombons terminarem eu quero terminar também. Esse é um momento importante. Esse é um momento m-u-i-t-o i-m-p-o-r-t-a-n-t-e.

Já é um outro momento agora. Também um pouco muito importante ou tão. Não

fico pensando em mim todo o instante. Vivo no instante e me esqueço. Apesar disso, cultivei Betti Inês na minha memória. Ela dizia coisas amargas com uma voz extremamente doce. Eu repetia coisas tolas com o mesmo tom de voz doce. Estávamos envolvidas e dizíamos doces tolices. Eram nossas as tolices e para nós eram extremamente importantes.

Betti Inês tinha uma visão — atrás das lentes — bastante lacônica mas, mesmo assim, era a mais próxima da sua própria verdade. Betti Inês sempre me contava estórias com a mímica correspondente. Gostava dela quando ela usava óculos. Gostava dela quando ela não usava óculos.

Antes de conhecer Betti Inês tinha esse péssimo cacoete de estar apaixonada sem paixão. Achava que teria que me apaixonar por alguém. Deus?

Betti Inês tinha desejo mas era preguiçosa. Sensual e terna: uma combinação deliciosa. E eu sempre com essa "inveja-Virginia-Woolf".

Tínhamos uma relação com boa digestão. Tudo girava em um movimento redondo. Nossa relação era circular.

Todas as quartas-feiras eu ia à lavanderia e ficava esperando Betti Inês. Eu chegava cedo, sentava, às vezes levava um livro. Betti Inês chegava um pouco mais tarde, fingia indiferente. Enquanto isso minhas roupas se misturavam dentro da máquina de lavar. Minutos depois, as roupas dela se misturavam em uma outra máquina de lavar. Eu esperava o dia em que nossas roupas se misturassem e se encontrassem juntas dentro de uma só máquina de lavar.

Na frente das outras pessoas tomávamos café na máquina de café e trocávamos comentários sobre o tempo: um acordo gentil entre duas gerações. Uma vez ela me perguntou que tipo de leitura eu gostava. Por acaso tinha comigo um livro de poesia, Sylvia Plath. Ela também gostava de poesia. Betti Inês tinha os adjetivos certos. Radicalmente certos.

Então eu me apaixonei com paixão, sem culpas, sem conflitos. Às vezes me dou conta que se eu analisasse todo o meu passado, veria que uma corrente de eventos aconteceu, um ligado ao outro. Mas nem essa corrente me foi capaz de produzir conflitos.

Acho que nasci meio mancando.

Hoje é terça-feira e tanto faz.

Amanhã eu não vou a nenhuma lavanderia. Quero me matar ainda hoje, agora de noite, quase madrugada. Quase quarta-feira. Abro a caixa de chocolates e, talvez um pouco ansiosa, como meu primeiro bombom. Tem um papel verde transparente por fora e uma castanha-dopará por dentro. O gosto não é nada mau.

Como será um dia depois da minha morte?

Na verdade pouco me importa. Eu não me interesso. Tenho esse hábito de ficar me perguntando se vale a pena ser coerente. Vale a pena morrer? Vale a pena viver? Vale a pena ser Betti Inês?

Pego a minha máquina de escrever e bato as teclas bem devagar para não fazer barulho. Não gosto de saber que meus vizinhos me assistem viver. Não quero ter nenhuma disciplina. Detesto a ordem e a disciplina. Detesto a disciplina de Virginia Woolf. Mas, embora não queira, sinto de repente, que há uma certa ordem nisso.

ando pelo quarto

daqui

para lá

de lá

para

cá

fui vizinha de um chileno

que tinha um disco que fazia
lá-lá-lá

ando pelo quarto
de lá

para
cá

daqui

para lá

Sei que nenhum atropelo leva à restau-
ração da ordem.

Estou de plantão na madrugada. Tento
perpetuar o instante, neste tão importan-
te momento, onde tudo é quase silêncio.

Shhh!!! Shhh!!!

Silêncio.

Shhh!!! Shhh!!!

Silêncio.

Detesto ouvir o barulho das outras pes-
soas. Detesto escutar as pessoas sendo.
Gosto quando posso discriminar o meu

próprio barulho.
Shhh!!!

No frio, as madrugadas não muito silenciosas de inverno me contam alguma coisa. Faz muito frio agora. Fico bem quieta tentando ouvir segredos. Sempre existe um segredo escondido nas madrugadas frias. Espero. Prendo a respiração. Quero fazer o mínimo de barulho para ser. Quero que a minha presença no mundo seja cada vez mais despercebida. Espero. Estou no escuro e o escuro me atrai. O silêncio também. Quando era criança pedi para minha mãe pintar o meu quarto todo de preto. Eu ficava ali quietinha como se estivesse dentro da barriga da minha mãe. Era escuro e havia um silêncio total. E eu ouvia segredos...

O momento está bastante sossegado e isso aumenta minha síndrome de sobrevivência. Uma neutralidade disfarçada. Betti Inês não gostava de emoções fortes. Betti Inês não era muito original e fazia questão disso.

Nós sabíamos que os gestos para funcionarmos bem no lado de lá-de-fora eram sempre os mesmos. Sabíamos também que o mais fácil era decorar os mais importantes deles. Assim, éramos sempre as mesmas e triunfávamos.

Foi nessa época que eu descobri que o mundo ficava lá, do outro lado de lá.

O barulho de um cachorro latindo lá fora interrompe a seqüência dos meus pensamentos. Sou muito ciumenta do meu barulho. Dos pensamentos não, porque a cada instante nasce um outro novo. Sinto um fluxo de novos pensamentos a todo instante. Já tenho um novo agora e me lembro de comer meu segundo bombom.

Entre os latidos do cachorro tento ouvir o silêncio. É um silêncio alternado. Exatamente igual, exatamente idêntico, ao que o lado de lá-de-fora me obriga a ter. Vivo a

minha vida em silêncio. A minha opção é determinada em silêncio. Como não posso falar, me calo. Mas em silêncio continuo pensando e sendo o que quero. Me alivio pensando que posso pensar e ninguém pode ouvir. Penso em voz alta. Suspiro, dou outra mordida no bombom e jogo o papel na cesta de papéis. Não erro.

Paro a máquina de escrever e fico escutando a minha respiração. Volto a andar pelo quarto no mesmo ritmo anterior. Sempre na mesma ordem, um pouco circular, como convém a uma imensa máquina de lavar roupa. Começo um círculo. Mas, na verdade, é tudo uma grande desordem. Tudo está confuso e me sinto totalmente à vontade, em casa. É bom poder se sentir em casa. Me sinto em casa comigo, no meu corpo, na minha mulherice.

Sabe de uma coisa? Cansei de ficar tomando cuidado.

deveria haver uns
intervalos entre os dias
uns que fossem e outros não
nós deveríamos
existir só de vez em quando
só quando desse vontade.

Nós queríamos ser
amadas pelo que éramos.
Eu gostava de pessoas
que se gostavam.
Gostava de pessoas
inteiras.
Betti Blue dizia que ela e
Betti Existência eram
uma laranja inteira cada
uma. Ninguém era meia
laranja de ninguém.

